



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 11, NÚMERO 3 | JUL.-SET. 2022
<https://doi.org/10.47295/mren.v11i3.339>

O IMAGINÁRIO SOBRE O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO EM “O DRIBLE”



THE IMAGINARY ABOUT BLACK PEOPLE IN BRAZILIAN FOOTBALL IN "O DRIBLE"

RICARDO ROSAS

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 18/07/2022 • APROVADO EM 29/09/2022

Abstract

This article aims to analyze the reflexes that the imaginary around black people provoke in their reading role in the development of Brazilian football and, moreover, how football is represented in Brazilian literature. As much as the literature has approached the social - in the specific case of Brazil with modernism and its unfolding -, a popular element (football) does not receive, until the present days, the literary representation that here we think is worthy. Aiming to fill this space, Sérgio Rodrigues writes **O Drible**, a novel of which main character is football, against the the historical context background that has assumed, within the sport, a role of great importance for its development in Brazilian territory. Thus, we will seek, through the novel, to analyze and discuss about the imaginary built around the black people in Brazilian football and the relationship of this with literature.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os reflexos que o imaginário em torno do negro provocam na leitura de seu papel no desenvolvimento do futebol brasileiro e em como o futebol é representado na literatura brasileira, a partir da leitura do romance **O drible**. Por mais que a literatura tenha se aproximado do social –

no caso específico do Brasil com o modernismo e os seus desdobramentos --, um elemento popular (o futebol) não recebe, até os dias, a representação literária que aqui julgamos que seja digna. Buscando preencher este espaço, Sérgio Rodrigues escreve **O drible**, um romance cujo personagem principal é o futebol, tendo como pano de fundo o contexto histórico que assumiu, dentro do esporte, um papel de grande importância para o seu desenvolvimento em território brasileiro. Deste modo, buscar-se-á, através do romance, analisar e discutir sobre o imaginário construído em torno do negro no futebol brasileiro e a relação deste com a literatura.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Literature. Football. Imaginary; Black people.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Futebol. Imaginário. Negro.

Texto integral

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antoine Compagnon, ao delinear as concepções do que seria a teoria da literatura ou teoria literária, demonstra como parece ser difícil separar a literatura do mundo real. No entanto, o caminho traçado até este momento apontado por ele não foi curto. Entrelaçando-se com a realidade do mundo, como a política e as guerras, a literatura viu-se encurralada e não teve outro caminho a não ser o de também dar lugar aos problemas e vivências do homem comum e proletário, atingido por todas as problemáticas e movimentos vividos a partir do início da época moderna. O simples ato de olhar a capa de um livro, com o título e o nome de seu autor pode nos levar de encontro ao mundo em que ele viveu, sua época, ideologias. São questões que estão impreterivelmente imbricadas; o analista, por sua vez, pode ou não querer levá-las em consideração em sua leitura de determinada obra. Por seu turno, o que se interessar por essas variantes, entrará em um caminho de férteis aliados para interpretação.

Uma rota possível para auxiliar na leitura de uma obra literária seria a leitura do imaginário. Mello (2002), apoiando-se em Durand, diz-nos que toda obra apresenta na leitura do criador e do intérprete, vivas e emocionantes faces que funcionam como um espelho de seus próprios desejos e temores; seria, também, um sistema de signos que tendem a se compor como uma narrativa.

Essas faces e desejos são traduzidas na obra literária através de um discurso afigurado como uma expressão, tradução ou expressão criativa de uma infraestrutura, de uma protolinguagem ou de uma vivência profunda (MELLO, 2002). Em outras palavras, o seu imaginário.

O imaginário é algo que se inscreve nas criações imaginativas e se constrói através das redes associativas de imagens que se utilizam tanto de uma sintaxe simbólica e semântica, singularizando estilo e mundo individual do autor, quanto sugerem traços do mundo social e cultural. Ele compreende as produções mentais ou materializadas em obras com linguagem verbal e não verbal, compondo

conjuntos coerentes e dinâmicos que irão traduzir uma função simbólica de expressar sentidos próprios e figurados.

Aqui, consideramos não somente a literatura como uma manifestação linguística que é carregada com o imaginário do seu autor, mas também o futebol, que foi definido pelo escritor e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini como uma linguagem digna inclusive de uma separação em gêneros (prosa e poesia). O futebol será visto, por conseguinte, assim como a literatura, como um ambiente onde se aglutinam as imagens primitivas e inconscientes do imaginário de um autor que no caso deste último, é o jogador.

Em primeira instância, resumir-se-á o romance **O drible**, apontando em que medida ela se relaciona com a história do negro e do futebol no Brasil. Em seguida, será analisada a proposição de que no futebol pode se amalgamar todo o imaginário de seus autores -- os jogadores --, o que resultaria no futebol de prosa e poesia, proposto por Pasolini e na distinção entre apolíneo e dionisíaco, apontado por Gilberto Freyre, em prefácio ao livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mario Filho. Por último, à guisa de conclusão, refletir-se-á, unindo todos os referenciais mencionados, acerca do que é apresentado no romance no que tange ao imaginário criado em torno do negro no futebol brasileiro.

2. O DRIBLE

Segundo Chagas (2019), **O Drible** mantém velhos clichês da literatura brasileira:

Publicado por uma das maiores editoras do país é mais um entre tantos outros livros escrito por um homem, branco, onde as personagens centrais da trama, que se desenrola no Brasil pós-ditadura, são, a priori, brancas, de classe média-alta. Além disso, as personagens femininas, predominantemente mais jovens, ocupam posições secundárias e, manifestamente, estereotipadas no papel de meros objetos sexuais de homens mais velhos. (CHAGAS, 2019, p. 2)

Então, lendo tal definição, como pode ser este livro interessante para a nossa proposta? Mais adiante, Chagas (2019) chega a conclusão de que **O drible** não é uma mera menção a uma jogada feita pelos jogadores em campo; no romance, o autor consegue subverter, mesmo usando os mesmos instrumentais usados por outrem, esse mecanismo do papel do negro e, por que não, do futebol na literatura brasileira.

Alguns literatos não quiseram aproximar-se do esporte. Lima Barreto, por exemplo, dizia: “Nunca foi do meu gosto o que chamam sport, esporte ou desporto” (BARRETO, 1918, p.59). Mais adiante, deixa mais claro o motivo de sua repulsa:

“As acusações levantadas, então, por certa parte da imprensa paulista – manifestações que estamos já agora dispostos a esquecer, mas que não podemos deixar de rememorar – contra a competência e a honestidade do árbitro que serviu naquela partida, atribuindo à obra sua a vitória alcançada por nós, preparou o espírito popular na ânsia de uma prova provada de que, com este ou aquele juiz, os jogadores cariocas estão à altura dos seus valorosos êmulos paulistas e são capazes de vencê-los.” Diabo! A coisa é assim tão séria? Pois um puro divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor? (BARRETO, 1918, p. 59).

Além da propensão à violência presente no esporte, outro fator de repulsa para Lima Barreto era a língua; havia um excesso de termos em inglês no vocabulário do esporte.

Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. Parecia-me todo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez e voltar aos meus doces tempos dos “significados”. Eram só backs, forwards, kicks, corners; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado. Está aí uma palavra anglo-lusa. Não é de admirar, pois, desde muito, Portugal anda amarrado à sorte da Inglaterra; e até já lhe deu muitas palavras, sobretudo termos de marinha: revolver vem de “revolver”, português, e comodoro de “comandante”. ? (BARRETO, 1918, p. 60).

Algo também apontado por Mario Filho em **O negro no futebol brasileiro**:

O futebol importado, made in England, tinha de ser traduzido e enquanto não se traduzisse e abrasileirasse, quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês. Ou melhor: gritar em inglês. (FILHO, 2010, p. 30)

Assim como Lima Barreto, Graciliano Ramos também atribuiria a sua repulsa ao futebol ao fato de que era algo pouco nacional e que, em certa medida, funcionaria como um fator de exclusão: apenas para brancos, sem nenhum pobre ou negro, porque era o que de fato acontecia no momento de profusão do esporte bretão em território brasileiro. E o romance o **O Drible** vem para romper com esse ideal.

“O lance não deve ter mais de dez segundos, mas com as interrupções de Murilo, enche minutos inteiros enquanto ele narra sem pressa, play, pause, rew, play, o que na época foi narrado com assombro” (RODRIGUES, 2013, p. 9). Assim se inicia *O Drible*, romance escrito por Sérgio Rodrigues, em que é narrado, através de um drama familiar – um filho ressentido pela falta de amor por parte de seu pai, um velho jornalista esportivo –, um processo que esteve presente no desenvolvimento e na institucionalização do futebol no Brasil: a inserção do negro no campo de futebol e em como esse processo pode haver alterado a história do esporte nacional. Processo esse que, assim como o gol perdido por Pelé, na copa do mundo de 1970, diante do Uruguai, foi visto, revisto e discutido por muito tempo até que se fosse aceito peremptoriamente em solo brasileiro.

Murilo Filho, o jornalista referido, que já está perto da morte, volta a ter contato, após muitos anos, com Neto, seu filho. Nas tentativas frustradas de lançar ao pai todo mal que cria haver sofrido, Neto apenas escuta as suas memórias sobre o futebol do passado.

Embora a vida tenha avançado muitos anos, Murilo parece preso aos acontecimentos futebolísticos de sua vida como jornalista esportivo, ao não conseguir conversar efetivamente com o seu filho, um homem de meia idade que, por conta de sua relação frustrada com o pai, nutriu um sentimento de repúdio ao esporte, que se apresenta na narrativa como a principal parte da vida do já aposentado jornalista.

A narração não é linear. Ora avança e nos lega informações sobre o futuro, tendo Neto como narrador, ora volta ao passado, mesclando-se com o Neto criança e a voz de seu pai. As personagens envolvidas com os dois principais não alcançam o mesmo nível de importância que o futebol tem na vida de ambos, seja positiva ou negativamente. O futebol seria, então, também um personagem da trama.

Para o velho personagem – Murilo –, o futebol e os negros possuíam um papel muito maior do que o que lhes fora atribuído não só no desenvolvimento do próprio esporte, como também na ideia de nação construída até sua época. Seus relatos são baseados em vivências próprias; contudo, ele demonstra não apenas ser um conhecedor do esporte bretão e sua relação com o Brasil. Ao tecer um comentário sobre a literatura brasileira, o faz relacionando-a com a história contada do Brasil por ela. Murilo sentencia:

Você não leu O negro no futebol brasileiro, leu? Claro que não leu. Devia ser obrigatório em todas as escolas, mas pouca gente leu. O pessoal prefere empurrar José de Alencar pela goela dos meninos, assim é garantido que eles tomem asco e não leiam mais nada pelo resto da vida, que tragédia. [...] (RODRIGUES, 2013, p. 59-60)

Sabe-se que o romantismo implantado no Brasil teve como principal objetivo criar uma identidade nacional, a partir de um passado mítico do país, fazendo-se valer da imagem do indígena como seu herói. Por conseguinte, nos romances urbanos, o brasileiro retratado era o novo rico em contraponto aos moralistas do

passado. Ambos, brancos; a cara do Brasil que poderia ser retratada. Ou seja, não se tinha a verdadeira face do país; em outras palavras, a verdadeira nação.

No romance, é apresentado ao leitor é uma mescla de fatos históricos e ficção, num vai e vem, ao estilo Garrincha ao aplicar seu famoso drible. E isso é feito a partir não só de fatos históricos conhecidos ou de jogadores conhecidos por todo brasileiro. Um que possui bastante relevância para Murilo de fato existiu. O Manteiga, que dá nome ao cão do velho personagem.

Só tinha um problema, o Manteiga era um mulato crasso, indisfarçável, muito diferente do tipo quase branco que o Friedenreich já tinha começado a tornar passável a essa altura. Moreno? Moreno não, preto! Preto? Preto não, mulato! Nariz chato, beíçorra grossa. Aquele não passava de jeito nenhum no América, que era branco e racista como todos os clubes da elite carioca na época. (RODRIGUES, 2013, p. 12)

Chagas (2019), ao tratar sobre este romance, busca evidenciar o interesse de mostrar como o futebol esteve relacionado ao racismo e em como todo este processo naturalizou-se no país, não apenas no esporte, mas em todas as esferas. Para ele,

Uma das principais marcas de O drible é a maneira inteligente com que Sérgio Rodrigues discute a permanência do racismo na sociedade brasileira. Através da personagem Murilo, é possível perceber vários enunciados racistas que ainda circulam com assustadora e infundada desenvoltura. (CHAGAS, 2019, p. 13)

Murilo começa então a contar sobre um jogador que deveria ter feito muito sucesso no futebol e aparecia em destaque no livro que ele havia escrito, mas nunca publicado: o seu amigo Peralvo, que para ele seria melhor do que Pelé.

“Relendo”, disse ele, “me dei conta que aquilo não passava de um angu empelotado de tentativas de espelhar sintaticamente o jogo. Tinha a frase-trivela, a elipse da vaca, a goleada adverbial de modo, a retranca cabralina, o futebol total pós-moderno. Tudo a serviço da demonstração ensaística de uma tese sutil, que seria coisa de gênio se não fosse, convenhamos, completamente asnal: a do paralelo entre o futebol e a prosa de ficção. A prosa realista anglo-saxônica correspondendo a um jogo de poucos toques em ângulos retos, em velocidade, até chegar à linha de fundo e cruzar a bola para cabeceadores implacáveis cravarem ela no gol. Sempre assim e sempre eficaz, pelo menos até ficar previsível e fácil de marcar. Hammett e Hemingway, atacantes da seleção da língua inglesa. E

depois o futebol indo ganhar o mundo, desbravar um oceano de estilos alternativos que nasceram como resposta àquela economia de meios tão severa. E aí que entra a prosa poético-picaresca de Garrincha, que filtrava a realidade em gags de filme mudo. Aí que entram os estranhos cortes epistemológicos de Cruyff. O modernismo tipo arco do alvorecer de um lançamento de Gérson, o realismo mágico de Maradona. O monólogo interior sinuoso de Di Stéfano, o expressionismo de um Puskás ou um Heleno, o quase dandismo nabokoviano de elitistas como Didi, Falcão e Zidane (RODRIGUES, 2013 p. 82-83).

Peralvo, o craque do livro, aprendera mais rápido a jogar bola do que a falar e ninguém entendia de onde vinha a sua qualidade com a bola nos pés e a origem de sua fúria. Dizia: “Vou humilhar ocês, seus pereba perna de pau, vem que eu dibro todo mundo!” (RODRIGUES, 2013 p. 87)

Tanto a sua agilidade com a bola como o seu ímpeto contra os adversários possuíam uma explicação: ele trazia consigo poderes sobrenaturais herdados de sua ancestralidade. Sua mãe logo discerniu que ele possuía poderes sobre-humanos; que o que ele fazia era algo produzido por forças cósmicas com que nada nem ninguém poderia mexer, pois ele acabaria sendo esmagado pelas forças ocultas. Anos mais tarde, confessou a Murilo: “- Eu vivo um segundo na frente.” (RODRIGUES, 2013, p. 88)

Além dessa sua capacidade de ver o desfecho das coisas antes do seu acontecimento, podia discernir a índole dos seus adversários por meio de uma aura, que de acordo com a sua variação de cores, o fazia saber quem era do bem e quem não era.

Peralvo nos aparece na narrativa como uma imagem do que seria a gênese do povo brasileiro. A mistura do europeu com o negro, que teria como resultado um ser com habilidades distintas dos demais, como fruto da sua carga ancestral, que sairia na ponta de seus pés, mesmo que contra a sua vontade ou mesmo que não soubesse da sua existência.

A faculdade paranormal de viver no futuro imediato se confundia com a de enxergar aquelas luzes, auras, cheio de caldas de pavão. A imagem carnavalesca não era de Peralvo, é minha mesmo, de outra forma eu nem conseguiria imaginar o balé de Broadway-sur-Merequendu que era o espetáculo humano visto por seus olhos transparentes: belo e terrível, crispado de sensações, pulsos. cores. futuns, batiques cardíacos, clarividência para jogar instintivamente, sem culpa, mesmo porque não infringia nenhuma das regras fixadas um século antes pelos lordes branquelos da Football Association em seus gramados desprovidos de magia. Não saberia separar uma coisa da outra: sempre estiveram juntos o hálito, o halo e a bola. (RODRIGUES, 2013, p. 89)

Porém, mesmo com sua inegável qualidade, os superiores do clube não queriam colocá-lo em campo, pois “Diziam que estava verde, que era irresponsável, individualista, jogador de circo.” (RODRIGUES, 2013, p. 116).

3. POESIA E PROSA NO FUTEBOL?

A ideia de um futebol diferente ser produzido por um grupo social miscigenado propagada por Murilo no romance dialoga explicitamente com Gilberto Freyre, Mario Filho e com o escritor italiano Pier Paolo Pasolini. Para este, o futebol é um sistema de signos, ou seja, uma linguagem. As suas palavras, as jogadas: “[...] a linguagem do futebol segundo Pasolini parece se fundamentar numa ‘Semiologia da Cultura’, segundo a qual todos os fenômenos estudados, em primeira linha, são fenômenos culturais, inclusive o futebol” (CORNELSEN, p. 179, 2006). Desta maneira, o futebol possuiria regras e só quem o conhecesse poderia compreendê-la, sua linguagem, como tal.

Utilizando um procedimento semelhante ao de Saussure, projetou leis que regeriam os signos linguísticos para o um sistema não-linguístico para, a partir dele, analisar o futebol.

O futebol é um sistema de signos, ou seja, uma linguagem. Ele tem todas as características fundamentais da linguagem por excelência, aquela que imediatamente tomamos como termo de comparação, isto é, a linguagem escrita-falada. (PASOLINI, 2005, p. 4 citado em CORNELSEN, p. 174-175)

E indo ainda mais além, Pasolini atribuiu à linguagem futebolística dois gêneros: o futebol de prosa e o futebol de poesia. Para ele, os estilos de jogar futebol europeu e latino em nada se assemelhavam. “Ao transpormos tais critérios para o futebol, poderíamos afirmar que Pasolini associa o futebol “burocrático à prosa, mais próxima da linguagem cotidiana, e o futebol “criativo” à poesia, dando-lhe uma qualidade expressiva sobretudo individual.” (CORNELSEN, p. 181)

Enquanto o europeu se dava de modo burocrático, com um time armado para defender-se e apenas saindo ao ataque em jogadas de linha de fundo buscando fazer um gol de cabeça, o outro se apresentava de modo livre, aberto a jogadas fantásticas, plásticas e inesperadas, que só poderia a ser feitas por quem soubesse manejar o uso desta linguagem de modo artístico. E essa diferença de “estilo” se daria, sobretudo, por questões históricas.

De maneira tal, pode-se perceber que, a partir do proposto por Pasolini – o futebol sendo visto como um sistema de signos – pode-se inferir que, assim como uma manifestação linguística oral, nele também pode se manifestar variações e influências históricas, regionais e, inclusive, como numa representação literária, a memória e os símbolos de um grupo.

No Brasil, esta ideia se difunde com a consciência de sua causa histórica. Gilberto Freyre, em prefácio à primeira edição de *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947), sustentou o futebol como um instrumento de análise da transição cultural brasileira de sua fase predominantemente rural para a fase urbana, um processo no qual havia um conflito de racionalidade e irracionalidade, que seria uma expressão de uma sociedade híbrida, tomada de raízes ameríndias e africanas. E Murilo é consciente disso:

Esmiúça de forma brilhante o processo social cheio de conflitos que acabou dando na invenção de uma gramática, uma nova sintaxe. Aquilo que o Pasolini chamou de futebol-poesia em oposição ao futebol-prosa dos ingleses. eu ia adorar ter tido esse saque, mas quem sacou foi o putro do Pasolini. Hoje é tão evidente que virou lugar-comum e ficam aí uns idiotas suspirando e falando em futebol-arte, futebol moleque, uma bobajada sem fim. Mas não deixa de ter verdade no fundo da bobajada. O jeito brasileiro de jogar bola tem mesmo uma dívida impagável com a cultura negra, mestiça, sensual, infantil, esculhambada que é a cultura do Brasil, se houve uma. Batuque, rebolado, capoeira, exibicionismo, pé no chão, rua de terra. com a orgia, não com o trabalho. Não é assim, Neto?" (RODRIGUES, 2013 p. 61)

Para Freyre, o estilo brasileiro de jogar futebol se contrastava com o dos europeus a causa de um conjunto de qualidades inesperadas, como uma mescla de atribuições características do povo como manha, astúcia, ligeireza e também brilho e espontaneidade individual. Ele via marcas de dança e capoeira no jeito brasileiro de se jogar futebol. Por isso, o jogo seria então uma manifestação da formação social do país que para ele era democrática como nenhuma outra. As marcas de nossa diversidade resultavam no que ele chamou de dança dionisíaca. Enquanto o futebol europeu seria uma expressão apolínia, o nosso seria uma dança dionisíaca em que haveria brilho, muito por conta então da mescla que deu a gênese do povo brasileiro. (DOMINGOS, 2008, p. 182)

É tarefa difícil datar ou até mesmo atribuir a uma nação específica os primeiros pontapés em uma bola. O que se sabe com propriedade é que, com relação à organização de tal atividade como um jogo com regras bem definidas, seu início se deu na Inglaterra e que possuía um caráter elitista.

José Miguel Wisnik (2008), ao versar sobre o mesmo tema em **Veneno Remédio**, aponta para um outro aspecto importante sobre a origem deste esporte: o futebol se difunde como um novo lugar. Quando aparece, já haviam outras práticas esportivas e de lazer aristocráticas consolidadas e que colocavam em um lugar menor aquelas que apresentassem contato físico e até o contato direto com a bola. Destarte, ainda que nasça em uma posição elevada, já não fazia parte do topo da sociedade.

Ainda assim, o praticava quem fosse de boa família e com condições financeiras avultadas. Com esse padrão, o esporte inglês foi sendo espalhado pelo mundo como um esporte para brancos e ricos. Como comenta Chagas (2019),

Alijados de bens e serviços públicos, os negros estavam afastados também da prática de futebol, esporte chegado da Inglaterra na virada do Século XIX para o XX, e que desde o início, no Brasil, delimitou espaços distintos para negros e brancos. Mas não só isso: o futebol foi um espaço de intensa disputa, onde a discriminação racial fez-se de forma franca, aberta, frontal e violenta. (CHAGAS, 2019, p. 5)

Mario Filho, que deu uma grande contribuição à caracterização deste desporto no Brasil, definiu o seu início no território brasileiro como algo essencialmente branco e de elite. Nos primeiros pontapés dados em uma bola, dentro de um campo de futebol, com regras minimamente definidas, o esporte possuía uma cor: branca. Trazido da Inglaterra para fins de divertimento, o futebol era um objeto de lazer. Traduziu, por um período, os ideais de pureza presentes no amadorismo.

As estruturas dos estádios de futebol demonstram tal fato, com as arquibancadas atrás do gol destinadas aos menos afortunados, enquanto os ricos estavam nas tribunas, que era para onde os jogadores se direcionavam ao comemorar um gol e iam ao final das partidas; assim como os termos que se usam até os dias de hoje como: clubes grandes e pequenos (os grandes são os dos ricos, os pequenos dos pobres).

O futebol era, inegavelmente, um exemplo do abismo social que havia entre brancos e negros.

O fato é que raça, cor, ou mistura foram sempre assuntos essenciais entre nós e sobre nós, surgindo ora como motivo para exaltação, ora como sinal de descrédito. A questão também se vinculou à ideia da identidade nacional, uma vez que, sobretudo a partir do século XIX, era por meio da raça que definíamos a nossa particularidade: um Brasil branco e indígena na imagem idealizada do Segundo Reinado; um país branqueado na concepção corrente na virada do XIX para o XX ou, já nos anos 1930, uma nação “divinamente mestiça”, nesse contexto em que o cruzamento de raças e culturas virava símbolo do Estado. Essa era, porém, uma representação basicamente retórica, sem que qualquer contrapartida que levasse à valorização dessas populações fosse implementada: os negros continuavam à margem das maiores benesses do Estado, tendo acesso diferenciado ao trabalho, ao lazer, à educação e à infraestrutura mais básica. (SCHWARCZ citado por CHAGAS, 2007, p. 12)

Em contrapartida, a sua prática era muito fácil, pois apenas uma bola e alguns rapazes eram necessários para dar início a uma divertida partida de futebol. O negro e o pobre, então, precisavam aproveitar as pequenas oportunidades que possuíam

para dar os seus pontapés em uma bola, que nem sempre era feita com os materiais adequados, nem tampouco o faziam em campos bem-preparados. Mas, mesmo com o pouco que lhes era dado, foi o suficiente para que eles se introduzissem historicamente no futebol.

Deste modo, foi traçado o processo de democratização do futebol no Brasil, apontando como eixo central a participação do negro no esporte, atribuindo aos de origem africana uma veia artística, que provinha das suas raízes ancestrais que, mescladas com o índio e o europeu no Brasil, venceu aos poucos os bloqueios racistas e elitistas que impediam a participação não só dos negros, como dos pobres de um modo geral na prática do futebol até mesmo após a sua profissionalização, culminando no fato de que os primeiros grandes nomes do futebol brasileiro eram negros, mulatos, mestiços.

Dito isto, a sua popularização seria rápida e inevitável. À vista disso, à medida que foi se expandindo, se institucionalizando e profissionalizando-se, o futebol, segundo Freyre, criou um lugar onde se condensam e se acumulam as energias ancestrais, sejam de origem africana, ameríndia ou europeia, onde o jogador, tal qual um romancista ou poeta, deixa as suas marcas pela linguagem.

No romance, a mescla do tradicionalismo do futebol de prosa com o poético sobrenatural de Peralvo resultou em um jogador solidário, que conquistou de vez a elite futebolística.

Sempre achei que tinha mudado seu estilo de forma consciente, uma resposta aos que o chamavam de fominha, embora ele desconversasse quando eu lhe perguntava sobre isso. O fato é que ao cruzar os portais do futebol profissional o firuleiro irresistível que tinha enfileirado dez gols em quarenta e cinco no Palmeiras de Laje do Merequendu havia se transformado num tipo quase aflitivo de jogador solidário. Driblava a defesa adversária inteira, às vezes até o goleiro, e em vez de fazer o gol, optava por rolar a bola para um companheiro encaçapá-la. (RODRIGUES, 2013, p. 168)

Peralvo seguiu em destaque até o momento em que Murilo, num ato egoísta, revela através de sua coluna no jornal os poderes místicos do jogador, o que resultou em algo maléfico: um dos funcionários do clube em que Peralvo atuava era um pai de Santo que queria acabar com o futebol de Pelé, usando Peralvo como instrumento para tal ato. Ele deveria, então, permitir que um espírito o possuísse e, através de seu corpo, sugasse todas as energias do, naquele momento, melhor jogador brasileiro da história, que estava prestes a perder o seu posto.

O único fundamento que faltava ao completo craque do Santos, sustentava a reportagem, era um fundamento de ineditismo vertiginoso no repertório do futebol, aquilo que fazia de Peralvo o primeiro jogador literalmente mágico da

história: a comunicação direta com o mundo dos espíritos.
(RODRIGUES, 2013, p. 184)

Após muita resistência de sua parte, Peralvo aceita o espírito e faz o que se pedia a ele. A partir de então, “Perdeu a noção do tempo, dos séculos. Era um de seus ancestrais maternos. Era um escravo. Fingia controlar a bola, mas era controlado por ela.” (RODRIGUES, 2013, p. 189) Sem saber o que fazia, Peralvo marca um gol contra que faz o time perder a partida, é espancado pelos torcedores e nunca mais pôde voltar a jogar futebol, seguindo sua vida em um terreiro de candomblé.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que de certo modo ocupe um lugar de pouco brilho nas produções literárias, em *O Drible*, Sérgio Rodrigues busca dar conta da história do futebol no Brasil, tanto em seu aspecto estético quanto com relação às suas implicações sociais. Segundo Mello (2002) na escrita literária o imaginário é o lugar de reconciliação entre angústia e o desejo, carência e seu preenchimento, sentimento de finitude e possibilidade de regeneração. Ao fazê-lo através das memórias de um personagem que escreve um livro, o autor então metaforiza o processo da escrita literária, dando ao personagem as suas visões de mundo e imagens sobre o futebol que podem ser suas. Ao tentar comprovar uma origem para o mito de que no Brasil se jogue um futebol dionisíaco e na Europa um futebol apolíneo, percebe-se uma tentativa de justificar o que se fez/faz de diferente na linguagem do futebol.

O mito configura a realidade, ordena a vida cultural das sociedades antigas, ao enunciar atos exemplares de seres sobrenaturais ou excepcionais entre os humanos, revela os momentos primordiais da criação do mundo e das instituições. (MELLO, 2002, p. 31)

Apoiando-se em Durand, Mello (2002) afirma que o mito é um “sistema dinâmico de símbolos, de arquétipos e de esquemas, sistema dinâmico que, sob impulso de um esquema, tende a se compor em narrativa.”. Desta forma, futebol e literatura são, a partir das ideias propostas por Freyre, Filho e Pasolini um lugar onde

Sob a superfície legível do texto adensam-se metáforas, símbolos, arquétipos, esquemas, - matéria-prima do imaginário passível de significação, de sentido e de decifração. Esses elementos traduzem o imaginário de um indivíduo/autor e o imaginário social e cultural do qual participa, compondo-se dialeticamente, de maneira a fazer

conviver elementos invariáveis - porque universais - e elementos de variância - porque históricos. (CUNHA, 2015, p. 17)

Sendo assim, as jogadas “palavras” dos jogadores seriam traduções de seu imaginário carregado de psiquismos e impulsos irracionais, que estariam em busca de sublimação, antes presentes em atividades tradicionais da organização patriarcal: caçadas, pescas, corridas atrás de bois ou no samba. Um lugar que serviria como um instrumento de saída para as memórias guardadas intimamente do homem que outrora fora explorado e agora podia dentro de campo ser livre.

No romance lido, não estão postas claramente as imagens desenvolvidas pelo personagem Peralvo em campo, mas sim o resultado delas. Através das incursões feitas por Murilo e até outros personagens, apresentam-se as ideias que configuram até os dias atuais o que se tem como imaginário em torno do negro no futebol: a ginga, a criatividade e principalmente a visão que limita o jogador a estar ligado impreterivelmente à religiosidade de matriz africana, dando inclusive ao personagem um lugar fora do futebol em detrimento disso, como uma espécie de punição.

Entretanto, pode-se concluir, tendo o apoio de Domingos (2015), que tal visão não abarca com completude a história do futebol brasileiro. A transformação de um momento para outro no futebol nacional supera a síntese propagada por Freyre e abraçada por Mario Filho e conseqüentemente pelo personagem Murilo no romance. Modernização, urbanização, fábricas, burguesia, proletariado, indústria cultural entre outros, seriam também fatores que contribuíram para a assunção deste esporte em sua essência. Esse intercâmbio de diferentes fatores vai muito mais além do que o eufemismo em relação à estratificação social que Freyre parece naturalizar.

Essa ideia que enquadrou todo caso negro no futebol neste aspecto tomou conta do imaginário social em torno do tema. A imagem não era de todo concebida pelo jogador; quem o via é que completava as suas características com o imaginário que já ocupava o seu subconsciente.

Em um momento do romance, Murilo diz:

A imagem carnavalesca não era de Peralvo, é minha mesmo, de outra forma eu nem conseguiria imaginar o balé de Broadway-sur-Merequendu que era o espetáculo humano visto por seus olhos transparentes: belo e terrível, crispado de sensações, pulsos. cores. futuns, batuques cardíacos, clarividência para jogar instintivamente, sem culpa, mesmo porque não infringia nenhuma das regras fixadas um século antes pelos lordes branquelos da Football Association em seus gramados desprovidos de magia. Não saberia separar uma coisa da outra: sempre estiveram juntos o hálito, o halo e a bola. (RODRIGUES, 2013, p. 89)

Desta forma, concluo com o auxílio dos teóricos mencionados ao longo do texto que elucidaram a explicitação do ponto chave do romance, que o futebol é, assim como a literatura, uma linguagem e que se desenvolve podendo ser um campo aberto para a criação de imagens que reflitam o imaginário de seu autor. No caso específico do futebol, as jogadas lidas como poesia podem refletir a naturalidade de sua expressão artística, sufocada por nada mais que preconceito, mas não são o único objeto que deve ser analisado para buscar um entendimento do impacto social do futebol no Brasileiro.

Com relação ao lugar da linguagem futebolística na literatura, fica claro, apoiando-nos em Pasolini, a riqueza que há nos campos de futebol. Seja como poesia ou prosa, o que se faz nos campos de futebol e o que se provoca a partir dos seus movimentos, merecem e podem ter um lugar na história literária, principalmente para subverter os padrões preestabelecidos anteriormente.

Referências

- BARRETO, Lima. Sobre Football. In: **Vida Urbana**. [S.I]: [S.I], 1918. p. 59-61.
Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000161.pdf>. Acesso em jun. 2022;
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999;
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. **A linguagem do futebol segundo Pasolini: "futebol de prosa" e "futebol de poesia"**. Belo Horizonte: Caligrama, v. 11, p. 175-203, 2006;
- CUNHA, Maria Zilda da. Imaginário e Literatura em perspectiva interdisciplinar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO CENTRE DE RECHERCHES INTERNATIONALES SUR L'IMAGINAIRE, 2. [Anais...]. A teoria geral do imaginário 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas. Porto Alegre: Imaginalis, 2015. p. 1021-1037;
- DOMINGOS, Nuno. Uma sociedade vista do campo de futebol. In: GARDÃO, Marcelo; CASTELO, Cláudia (org.). **Gilberto Freyre: novas leituras do outro lado do atlântico**. São Paulo: Edusp, 2015. p. 180-197;
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010;
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e Imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002;
- CHAGAS, Eduardo Lopez. Racismo, Futebol E Sociedade Em O Drible, De Sérgio Rodrigues. **Revista Memento**, Belo Horizontre, v. 10, n. 2, p. 1-13, jul. 2019;
- RODRIGUES, Sérgio. **O Drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013;

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Para citar este artigo

ROSAS, R. Imaginário sobre o negro no futebol brasileiro em “O drible”. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 3, 2022, p. 34-48.

O autor

RICARDO ROSAS é formado em Letras - Português e Espanhol e sua Literatura pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estuda as relações sociais do futebol a partir do viés dos romances português e brasileiro.